Entalei o Bridger num logar com palmeiras artificiaes onde se bebe vinho; e elle contou-me a historia que ahi vae nas minhas palavras e sob a responsabilidade d'elle.

Uma tarde, pelas trez horas, na ilha de Ratona, um garoto corria pela praia gritando, «*Pajaro* á vista!»

Assim fazia conhecer a agudeza do seu ouvido e a justeza da sua discriminação dos tons.

O que primeiro ouvia o apito de um vapor que se approximava, e fazia d'isso proclamação oral, acertando tambem com o nome do vapor, era um pequeno heroe em Ratona... até chegar o vapor seguinte. Por-isso havia rivalidade entre a juventude descalça de Ratona, e muitos houve que cahiram victimas das buzinas de concha das chalupas que, sopradas ao de leve ao entrarem no porto, se parecem extraordinariamente com o signal de um vapor longinquo. Alguns havia que vos poderiam dizer de que vapor se tratava quando a sua chamada, aos vossos ouvidos menos habeis, vos não soaria mais alto que o suspiro do vento nos ramos dos coqueiros.

Mas o que hoje proclamava a chegada do *Pajaro* ganhara as suas honras. Ratona inclinou o ouvido, á escuta; e não tardou que se tornasse mais forte e mais proximo aquelle som prolongado, até que por fim Ratona viu, por cima da linha de palmeiras na «ponta» baixa, os dois cannos negros do vapor fruteiro avançar vagarosamente para a entrada do porto.

Deveis saber que Ratona é uma ilha umas vinte milhas ao sul de uma republica sul-americana. É um porto d'essa republica; e dorme suavemente num mar que sorri, não trabalhando nem fiando; nutrida pelos tropicos abundosos onde todas as coisas «amadurecem, cessam e cahem para a cova».

Oitocentas pessoas alli sonham a vida numa villa cercada de arvoredo que se ajusta á curva em ferradura do seu porto pequenino. São, na sua maioria, mestiços de hespanhol e indio, com umas sombras de negros de São Domingos, uma claridade de funccionarios de sangue hespanhol puro, e um leve fermento da espuma das trez ou quatro raças brancas da vanguarda. Não ha vapores que toquem em Ratona, a não ser os vapores fruteiros, que alli recolhem os inspectores de bananas a caminho da costa. Deixam jornaes de domingo, gelo, quinino, presunto e material de vaccina na ilha; e é este, pouco mais ou menos, o contacto que Ratona tem com o mundo.

O *Pajaro* parou á entrada do porto, dando balanço forte na mareta que coroava de branco as ondas para além da agua suave de dentro. Já duas embarcações da villa — uma transportando os inspectores de fructa, a outra indo buscar o que pudessem dar-lhe — estavam a meio-caminho para o vapor.

A embarcação dos inspectores foi içada para bordo com elles, e o *Pajaro* seguiu viagem para o continente com o seu carregamento de fructa.

O outro barco voltou a Ratona com uma parte do gelo dos frigoríficos do *Pajaro*, o maço de jornaes do costume, e um passageiro — Taylor Plunkett, regedor do districto de Chatham, estado de Kentucky.

Bridger, o consul dos Estados Unidos em Ratona, estava limpando a espingarda na barraca official ao pé de uma arvore de banana-pão a uns vinte passos da agua do porto. O consul occupava um logar perto do fim da procissão do seu partido politico. De alli quasi que não ouvia a musica. Os doces politicos iam para os outros. O quinhão do Bridger nos despojos — o consulado de Ratona — não era mais que uma passa, uma passa secca da repartição de «pensões de familia» do Ministerio. Mas novecentos dollars por anno era a opulencia em Ratona. Além d'isso o Bridger tinha contrahido uma paixão pela caça aos jacarés nas lagoas ao pé do consulado, e porisso não era infeliz.

Levantou a cabeça de uma demorada inspecção dos fechos da espingarda e deu com um homem largo a encher-lhe o espaço da porta. Um homem largo, de movimentos lentos, queimado do sol até quasi ao castanho de Van Dyck. Um homem de quarenta e cinco annos, vestido com decencia simples, de cabello claro e escasso, barba meio-grisalha bastante aparada, e olhos azues exprimindo doçura e simplicidade.

«É o sr. Bridger, o consul — não é?» disse o homem largo. «Indicaram-me que era aqui. É capaz de me dizer o que são aquelles cachos grandes de coisas que parecem aboboras naquellas arvores que parecem espanadores alli pela costa fóra?»

«Sente-se», disse o consul, pondo oleo novo no trapo. «Não, na outra cadeira — a de bambú não aguenta comsigo. Aquillo são côcos — côcos verdes. A casca é sempre de um verde claro antes de estarem maduros.»

«Muito obrigado», disse o outro, sentando-se com cuidado. «Não gostava de ir dizer lá na terra que eram azeitonas a não ser que tivesse a certeza. Chamo-me Plunkett. Sou o regedor do districto de Chatham, Kentucky. Tenho aqui na algibeira papeis de extradicção authorizando-me a prender um homem aqui nesta ilha. Estão assignados pelo Presidente

d'este paiz, e estão em ordem. O homem chama-se Wade Williams. Está no negocio da cultura do côco. Matou a mulher aqui ha uns dois annos. Onde é que o posso encontrar?»

O consul entortou um olho e espreitou pelo canno da espingarda abaixo.

«Aqui na ilha não ha ninguem que se chame Williams», observou.

«Não esperava que houvesse», disse Plunkett com brandura. «Logo que seja elle, qualquer nome me serve».

«Além de mim» disse Bridger, «ha só dois americanos em Ratona — Bob Reeves e Henry Morgan.»

«O homem que quero vende côcos» lembrou Plunkett.

«Vê aquella fila de coqueiros que vae até á ponta?» disse o consul, apontando com a mão em direcção á porta aberta. «Pertence ao Bob Reeves. O Henry Morgan é dono de metade das arvores do outro lado da ilha.»

«Ha um mez», disse o regedor, «o Wade Williams escreveu uma carta confidencial a alguem do districto de Chatham, dizendo-lhe onde estava e como ia andando. A carta extraviou-se; e quem a achou não a guardou. Mandaram-me á busca d'elle, e tenho os papeis. Calculo que ha de ser um dos seus homens dos côcos.»

«Tem o retrato d'elle, não?» disse Bridger. «Pode ser que seja o Reeves ou o Morgan, mas detesto a idéa. São ambos bellos rapazes, nem se encontra melhor procurando de automovel um dia inteiro».

«Não», respondeu Plunkett num tom de duvida; «não se pôde obter retrato. Eu mesmo nunca o vi. Ha só um anno que sou regedor. Mas tenho uma descripção bastante explicita. Um metro e oitenta, pouco mais ou menos; cabello e olhos escuros; nariz quasi aquilino; hombros pesados; dentes brancos e fortes, sem falhas; ri bastante, e falla muito; bebe bem mas nunca se embebeda; fita a gente nos olhos quando falla; edade, trinta e cinco annos. Qual dos seus homens é que é isto?»

O consul sorriu com amplidão.

«Olhe, sabe o que é melhor?» disse elle, depondo a espingarda e enfiando o casaco velho de alpaca preta. «O melhor é o sr. Plunkett vir commigo, e eu levo-o aos rapazes. Se me puder dizer a qual d'elles é que essa descripção calha melhor que ao outro, tem o sr. muito melhores olhos que eu.»

Bridger sahiu, guiando o regedor; seguiram pela praia dura, perto da qual se espalhavam as casitas da villa. Logo por detraz da povoação

se erguiam de repente collinas pequenas, cobertas de arvoredo. Por uma d'estas acima, seguindo uma escadaria aberta na argilla dura, conduziu o consul a Plunkett. Na mesma beira de um alto assentava uma cabana de madeira, de dois quartos, coberta de palha. Uma india estava cá fóra lavando roupa. O consul levou o regedor até á porta do quarto que dava por sobre o porto.

No quarto estavam dois homens, que iam sentar-se, em mangas de camisa, a uma mesa posta para o jantar. Em pormenor, pouco se pareciam; mas a descripção geral dada por Plunkett poderia applicar-se com justeza a qualquer d'elles. Em altura, côr do cabello, feitio do nariz, arcabouço e modos qualquer dos dois se lhe ajustava. Eram typos normaes do americano jovial, esperto, de vistas largas, que haviam gravitado um para outro no isolamento de uma terra extranha.

«Olá, Bridger!» gritaram juntos ao vêr o consul. «Vem jantar comnosco!» E quando repararam em Plunkett, que o seguia, avançaram com curiosidade hospitaleira.

«Meus senhores», disse o consul, cuja voz assumira um tom desusadamente formal, «apresento lhes o sr. Plunkett. Sr. Plunkett — o sr. Reeves e o sr. Morgan.»

Os barões do côco saudaram com alegria o recemvindo. Reeves parecia ser um pouco mais alto que Morgan, mas o seu riso não era tam vibrante. Os olhos de Morgan eram de um castanho escuro; os de Reeves eram pretos. Era Reeves o dono da casa, e occupou-se desde logo em pedir mais cadeiras e em gritar á india que puzesse mais talheres. Explicou se que Morgan vivia numa cabana de bambús «lá pró outro lado», mas que todos os dias os dois amigos jantavam juntos. Emquanto se apromptavam as coisas, Plunkett conservara-se de pé, parado, olhando de um lado para outro com os seus olhos de um azúl pallido. Bridger parecia estar numa attitude de desculpa e de inquietação.

Por fim se puzeram mais duas cobertas e se indicou a cada um o seu logar. Reeves e Morgan estavam lado a lado, da banda da mesa opposta á das visitas. Reeves inclinou affavelmente a cabeça, em signal de que todos se sentassem. Então, de repente, Plunkett levantou a mão com um gesto de auctoridade. Estava fitando exactamente entre Reeves e Morgan.

«Wade Williams», disse sem elevar a voz, «está preso por homicidio.»

Reeves e Morgan trocaram logo um olhar rapido, vivo, cuja quali-

dade era a interrogação, com um tempero de surpreza. Então, ambos juntos, voltaram-se para quem fallara com um olhar commum de extranheza franca.

«Não percebemos nada, sr. Plunkett», disse Morgan com animação. «Foi *Williams* que disse?»

«Que piada é esta, Bridger?» perguntou Reeves, voltando-se a sorrir para o consul.

Antes que Bridger pudesse responder, Plunkett fallou de novo.

«Eu explico», disse, com a mesma voz branda. «Um dos senhores não precisa da explicação, mas ella é para o outro. Um dos senhores é Wade Williams, do districto de Chatham, Kentucky. Matou a sua mulher em 5 de Maio, ha dois annos, depois de cinco annos de continuas injurias e maus-tratos. Tenho aqui na algibeira todos os documentos precisos para o levar para lá; e levo-o. Partiremos no vapor fruteiro que volta amanhã a esta ilha para deixar cá os inspectores. Confesso, meus senhores, que não sei qual dos dois é que é o Williams. Mas Wade Williams volta commigo amanhã para o districto de Chatham. Desejo que se compenetrem d'isso.»

Uma grande rajada de riso alegre rompeu de Morgan e de Reeves e sahiu para sobre o porto calmo. Dois ou tres pescadores na armada de chalupas alli ancoradas chegaram a olhar, pasmando, para cima, para casa dos *diablos americanos*.

«Meu caro senhor», exclamou Morgan, dominando o riso, «o jantar arrefece. Sentemo-nos e vamos a elle. Estou ancioso por metter a colher nesta sopa de peixe. O resto fica p'ra depois.»

«Sentem-se, meus senhores, façam favor», disse Reeves com affabilidade. «Estou certo que o sr. Plunkett não se importará. Talvez até lhe sirva este bocado de tempo para identificar... o cavalheiro que elle quer prender.»

«De modo nenhum; não me importo nada», disse Plunkett, cahindo pesadamente na cadeira. «Tambem estou com fome. O que eu não queria era acceitar a hospitalidade dos senhores sem lhes fazer o aviso. É só isto.»

Reeves poz na mesa garrafas e copos.

«Aqui está cognac,» disse elle, «e aniz, e whisky, e bagaço. Escolham á vontade.»

Bridger escolheu bagaço, Reeves deitou para si trez dedos de whisky, Morgan fez o mesmo. O regedor, apesar dos protestos geraes, encheu o copo da garrafa de agua.

«Bebo», disse Reeves erguendo o copo, «ao appetite do sr. Williams!» O encontro do riso e da bebida de Morgan fizeram com que este se engasgasse. Começaram todos a dar attenção ao jantar, que era bem cozinhado e saboroso.

«Williams!» chamou Plunkett, de repente e num tom secco.

Todos ergueram, pasmados, os olhos. Reeves deu com o olhar brando do regedor fito nelle. Corou um pouco.

«Olhe lá!» começou com certa aspereza. «Chamo-me Reeves, e não quero que o senhor...» Mas chegou-lhe de repente o aspecto comico do caso e acabou numa gargalhada.

«O sr. Plunkett sabe, naturalmente,» disse Morgan, temperando com cuidado o seu prato, «que fará uma certa importação de arrelias para si em Kentucky se levar para lá um homem que não seja o que procura — isto é, se o sr. levar alguem?»

«Passava-me o sal, fazia favor?» disse o regedor. «Ah, alguem levo eu. Ha de ser um dos senhores dois. Sim, sei que era cravado por perdas e damnos se me enganasse. Mas vou vêr se não me engano.»

«Olhe, já sei o que o sr. deve fazer,» disse Morgan, inclinando-se, com os olhos a sorrir. «Leve-me a mim. Vou sem dar incommodo. O negocio dos côcos correu torto este anno, e não se me dava extrahir alguma massa aos seus fiadores.»

«Isso não vale», interveio Reeves. «Não apanhei senão dezaseis dollars o milheiro pela minha ultima remessa. Leve-me a mim, sr. Plunkett.»

«Hei de levar o Wade Williams,» disse o regedor, pacientemente, «ou não hei de andar muito longe.»

«É como estar á mesa com um espectro,» observou Morgan, com um arrepio fingido. «E o espectro d'um assassino, inda por cima! Passem ahi os palitos á sombra do sr. Williams!»

Plunkett parecia tão despreoccupado como se estivesse jantando á sua propria mesa no districto de Chatham. Era um bom garfo, e os pratos extranhos dos tropicos davam-lhe bem no paladar. Pesado, vulgar, quasi indolente nos seus modos, parecia destituido de toda a astucia e a vigilancia do caçador. Deixou até de observar, com qualquer especie de agudeza ou de discriminação esboçada, os dois homens, um dos quaes elle se tinha compromettido, com pasmosa confiança, a levar de alli sob a accusação gravissima de uxoricidio. Ahi estava um problema, que, se o resolvesse mal, resultaria para elle num grave desconcerto, e, apesar

d'isso, alli estava preoccupado (segundo todas as apparencias) só com o sabor, para elle novo, de uma costelleta de iguana, feita na grelha.

O consul sentia um accentuado mal-estar. Reeves e Morgan eram seus amigos e camaradas; mas o regedor de Kentucky tinha um certo direito ao seu auxilio official e ao seu appoio moral. Porisso Bridger era o mais calado de todos áquella mesa, e tentava avaliar para si o sentido da situação. Chegou á conclusão de que Reeves e Morgan, espertos ambos, como elle sabia que eram, tinham ambos concebido, quando Plunkett se explicou, e com a rapidez do relampago, a idéa de que talvez o outro fôsse o réo Williams; e que qualquer d'elles tinha, nesse mesmo momento, decidido proteger lealmente o seu camarada do perigo que sobre elle impendia. Era esta a hypothese do consul, e, se fôsse um tomador de apostas numa corrida de astucias pela vida e pela liberdade, teria carregado as probabilidades contra o regedor paciente do districto do Chatham, Kentucky.

Acabada a refeição, veio a india e levantou a mesa, tirando a toalha. Reeves espalhou pela mesa magnificos charutos, um dos quaes Plunkett, como os outros, accendeu com visivel agrado.

«Pode ser que eu seja parvo», disse Morgan sorrindo, e piscando o olho a Bridger, «mas quero ter a certeza se sou ou não. Ora a minha idéa é que isto não é senão uma partida do sr. Plunkett, arranjada para assustar estes dois meninos da matta. Este Williamson vae ser preso a serio ou não?»

«Williams,» emendou Plunkett sem sorrir. «Nunca arranjei partidas na minha vida. E sei que não era capaz de viajar duas mil milhas para fazer uma partida tão estupida como esta seria se eu não levasse o Wade Williams commigo. Meus senhores!» continuou o regedor, passando agora os seus olhos brandos, imparcialmente, de cada um dos presentes para outro, «vejam se acham alguma graça a este caso. O Wade Williams está aqui, ouvindo as palavras que estou dizendo; mas por delicadeza fallarei d'elle na terceira pessoa. Durante cinco annos fez passar á mulher uma vida de cão... Não; retiro isso. Não ha cão em todo Kentucky que fôsse tratado como ella foi. Gastou o dinheiro que ella lhe trouxe — gastou-o nas corridas, ao jogo, com cavallos e na caça. Era bom rapaz para os amigos, mas em casa um perfeito demonio, frio e duro. Fechou esses cinco annos de desprezo batendo na rapariga com a mão fechada — uma mão dura como pedra, — quando ella estava doente e fraca de tanto soffrer. Ella morreu no dia seguinte, e elle raspou-

se. É só isto. E é bastante. Nunca vi o Williams, mas á mulher d'elle conheci-a. Não sou homem que conte metade. Ella e eu namoravamo-nos quando ella o encontrou. Foi a Louisville, numa visita, e alli é que o viu. Confesso que elle me levou a melhor em quasi tempo nenhum. Eu vivia então alli ao pé das montanhas. Fui eleito regedor do districto de Chatham um anno depois do Wade Williams matar a mulher. O meu dever official manda-me vir aqui procural-o, mas confesso que ha tambem uma razão pessoal. E elle volta commigo. Sr. â... Reeves, dava-me um phosphoro, se faz favor?»

«Esse Williams foi muito imprudente,» disse Morgan pondo os pés ao alto, contra a parede, «em bater numa senhora de Kentucky. Parece-me ter já ouvido dizer que ellas são levadas do diabo.»

«Muito mausinho, esse Williams,» disse Reeves, deitando mais whisky.

Ambos fallavam com ar ligeiro, mas o consul viu e sentiu a tensão e o cuidado que punham no que faziam e diziam. «Bons rapazes!» disse para si; «ambos teem razão. Cada um está a aguentar o outro como um muro de tijolo.»

Então entrou um cão no quarto onde estavam sentados — um cão comprido, castanho e preto, de orelhas longas, lento, confiado em ser bemvindo.

Plunkett voltou a cabeça e olhou para o animal, que parou, confiadamente, a dois passos da cadeira d'elle.

De repente o regedor, com uma praga dura, sahiu da cadeira e assentou no cão, com a bota pesada, um pontapé forte de maldade.

O cão, doido, assustado, de orelhas cahidas e rabo retrahido, deu um guincho agudo de dor e de surpreza.

Reeves e o consul ficaram sentados, nada dizendo, mas pasmados d'este assomo de irritação no homem calmo do districto de Chatham.

Mas Morgan, com a cara roxa de colera, poz-se de pé num pulo e ergueu por sobre o regedor um braço de subita ameaça.

«Seu .. bruto!» gritou com alma, «porque é que você fez isso?»

As amenidades voltaram depressa. Plunkett deu uma desculpa imperceptivel e voltou para a cadeira. Morgan, dominando a colera com um exforço visivel, voltou tambem para o seu logar.

Então Plunkett, com um pulo de tigre, torneou o canto da mesa e fechou um par de algemas sobre os pulsos de Morgan, paralyzado.

«Amigo de cães e assassino de mulheres!» exclamou; «vae-te já preparando para outro mundo.»

Quando o Bridger acabou, perguntei-lhe:
«E acertou?»
«Acertou,» disse o consul.
«Mas como é que elle soube?» perguntei, porque tinha ficado numa especie de atarantação.
«Quando elle mettia o Morgan na embarcação», respondeu Bridger, «no dia seguinte, para o levar para bordo do *Pajaro*, este tal Plunkett parou para se despedir de mim e eu fiz-lhe a mesma pergunta.
«Sr. Bridger,» disse elle, «sou de Kentucky, e tenho visto muito em materia de homens e de bichos. E ainda não vi um homem que gostasse muito de cavallos e de cães que não fosse cruel para as mulheres.»

OS CAMINHOS QUE TOMAMOS

Vinte milhas para oeste de Tucson o rapido parou ao pé de um deposito para tomar agua. Além d'este liquido, porém, a machina d'aquelle comboio adquiriu tambem outras cousas que lhe não convinham.

Emquanto o fogueiro estava baixando a mangueira de alimentação, o Bob Tidball, o Dodson «Tubarão» e um indio de raça cruzada chamado João Cão Grande treparam para a machina e apresentaram ao machinista os orificios de trez cannos de revolver. As possibilidades d'esses orificios a tal ponto impressionaram o machinista que ergueu logo ambas as mãos num gesto do genero do que accompanha a exclamação, «Conta lá!»

Á ordem brusca do Dodson Tubarão, que era o commandante da força, o machinista desceu ao chão e desligou a machina e o tender. Então o João Cão Grande, empoleirado no carvão, sorriu por traz de dois revolvers apontados ao ajudante e ao fogueiro, lembrando que corressem a machina cincoenta metros pela linha abaixo e alli aguardassem novas ordens.

O Dodson Tubarão e o Bob Tidball, desdenhando proceder á limpeza de minerio tão baixo como os passageiros, dedicaram-se ao veio magnifico que era o vagon de valores. Encontraram o guarda envolto na crença firme de que a machina não estava tomando nada mais forte

que agua pura. Emquanto o Bob lhe tirava esta idéa da cabeça por meio de uma coronha de revolver, o Dodson Tubarão occupava-se em ministrar uma dose de dynamite ao cofre do vagon.

O cofre explodiu no sentido de trinta mil dollars, ouro e notas. Os passageiros espreitaram vagamente pelas janellas a ver de onde vinha a trovoada. O conductor puxou a correia que lhe ficou lassa e cahida na mão. O Dodson Tubarão e o Bob Tidball, com o espolio numa sacca de lona forte, sahiram do vagon e correram pesadamente, com suas botas altas, até á machina.

O machinista, amuado mas prudente, correu velozmente a machina, obedecendo ás ordens, para longe do comboio parado. Mas antes que isto estivesse feito, o guarda do rapido, tendo dispertado do argumento com que o Bob Tidball lhe tinha imposto a neutralidade, saltou do vagon com uma Winchester e entrou no jogo. O sr. João Cão Grande, empoleirado no carvão, perdeu a vasa pelo processo involuntario de imitar perfeitamente um alvo. O guarda caçou-o. Com uma bala exactamente entre as espaduas, o cavalheiro de cor e industria cahiu para o chão, augmentando assim automaticamente em um-sexto o quinhão de cada um dos camaradas.

A duas milhas do deposito deu-se ordem ao machinista que parasse.

Os ladrões gritaram um adeus de desafio e enfiaram pelo declive abaixo para os bosques que marginavam a linha ferrea. Cinco minutos de caminho difficil atravez de uma matta de chaparral trouxe-os a um bosque mais aberto, onde estavam trez cavallos, presos a ramos baixos. Um esperava o João Cão Grande, que nunca mais andaria a cavallo de dia ou de noite. A este animal tiraram os ladrões a sella e o freio, e puzeram-o em liberdade. Montaram nos outros dois, extendendo o sacco sobre a maçã da sella de um d'elles, e seguiram depressa mas discretamente atravez da floresta e por uma garganta primitiva e solitaria acima. Aqui o animal que levava o Bob Tidball escorregou num pedregulho musgoso e partiu uma das pernas deanteiras. Mataram-o com um tiro na cabeça, e sentaram-se para realizar um conselho de fuga. Seguros por emquanto, em virtude do caminho tortuoso que haviam tomado, já a questão de tempo os não apoquentava tanto. Havia já muitas horas e leguas entre elles e a mais rapida perseguição que se pudesse organizar. O cavallo do Dodson Tubarão, de corda arrastada e freio cahido, resfolegava e comia com agrado da herva á margem do riacho da garganta.

Bob Tidball abriu o sacco, tirou ás mãos ambas maços de notas e um sacco unico de ouro, e riu com uma alegria de creança,

«Olha lá, meu grande pirata», disse elle rindo para Dodson, «bem dizias tu que a coisa se conseguia. Tens uma cabeça de financeiro que deixa atraz tudo na Arizona».

«O que é que a gente vae fazer a respeito de um cavallo p'ra ti, Bob? A gente não pode esperar aqui muito tempo. Logo de madrugada, com a primeira luz, os typos estão na nossa pista.»

«Oh, aquelle teu bicho tem que levar dois um bocado», respondeu o Bob com optimismo. «Deitamos a mão ao primeiro bicho que encontrarmos por ahi. Caramba, que fizemos bom negocio, hein? Aqui pelos signaes nas cintas e no sacco temos trinta mil dollars — quinze mil a cada bico!»

«É menos que eu esperava», disse o Dodson Tubarão, dando pontapés leves nos pacotes. Depois olhou meditativamente para os flancos suados da sua montada.

«O Bolivar, coitado, está quasi que não pode mais», disse elle devagar. «Que pena que o teu bicho se estropiasse!»

«Ninguem tem mais pena que eu», disse o Bob sem abatimento, «mas o que é que se ha de fazer? O Bolivar é rijo, e pode bem com nós dois até arranjarmos outras montadas. Raios me partam, ó Tubarão, mas não me passa da idéa a piada que tem um typo do leste como tu vir p'ra aqui ensinar-nos a nós do oeste a dar cartas no negocio de salteador! De que parte do leste é que és?»

«Estado de Nova York», disse o Dodson Tubarão, sentando-se num toro e mastigando um fio de herva. «Nasci numa herdade do districto de Ulster. Fugi de casa quando tinha dezasete annos. Foi um acaso eu vir p'ra oeste. Eu ia p'la estrada fóra com a roupa numa trouxa a caminho de Nova York, da cidade. A minha idéa era ir p'ra lá e ganhar muito dinheiro. Uma tarde cheguei a um ponto onde a estrada fazia garfo, e eu não sabia por que caminho havia de tomar. Estive p'ra ahi meia hora a estudar o caso, e depois tomei p'lo da esquerda. Nessa noite mesmo fui dar ao acampamento de um circo do oeste que andava dando espectaculos nas varias terras, e segui p'ra oeste com elles. Muitas vezes tenho pensado se não teria dado em qualquer coisa muito differente se tivesse tomado o outro caminho.»

«Hum, a minha idéa é que davas mais ou mênos no mesmo,» disse o Bob Tidball com uma philosophia alegre. «Não é os caminhos que a

gente toma, é o que está dentro de nós, que faz com que a gente dê no que vem a dar.»

O Dodson Tubarão levantou-se e encostou-se a uma arvore.

«Tomara eu que aquella tua montada se não tivesse estropiado, Bob», tornou elle a dizer, com uma certa tristeza.

«E dois!» concordou o Bob. «Era um bello bicho. Mas o Bolivar tira-nos aos dois da alhada. Olha lá, e o melhor é a gente ir-se pondo a mexer, hein? Vou metter isto tudo outra vez no sacco, e ala para outra terra!»

O Bob Tidball repoz o espolio no sacco, e apertou a bocca d'este, com força, com uma corda. Quando levantou a cabeça a cousa mais notavel que viu foi o canno da pistola do Tubarão visando-lhe sem tremer o centro da testa.

«Deixa-te de piadas, rapaz», disse o Bob sorrindo. «A gente tem é que se pôr a mexer.»

«Está quieto», disse o Tubarão. «Tu não te vaes pôr a mexer para parte nenhuma, Bob. Tenho pena de t'o dizer, mas não ha sahida senão para um de nós. O Bolivar, coitado, está muito cansado, e não pode levar dois.»

«Temos sido camaradas, eu e tu, Tubarão, ha uns trez annos» disse o Bob com socego. «Muita e muita vez arriscou a gente a vida juntos. Sempre te tenho tratado ás direitas, e julgava que eras um homem. Já ouvi coisas que contavam de ti, de como tinhas matado um ou dois homens de uma maneira exquisita, mas nunca acreditei. Ora agora, se èstás a brincar commigo, desvia lá a pistola e vamo-nos embora. Mas se queres atirar, atira, filho de um lacrau!»

A cara do Dodson Tubarão tinha uma expressão de profunda magua.

«Não imaginas que pena eu tenho,» suspirou elle, «a respeito d'aquelle desastre que aconteceu ao teu cavallo, Bob.»

A expressão no rosto do Dodson mudou de repente para uma de ferocidade fria mixta de inexoravel cupidez. A alma do homem mostrou-se de repente como uma cara sinistra á janella de uma casa honrada.

E, na verdade, nunca o Bob Tidball se poria mais a mexer para parte nenhuma. Fallou a pistola do amigo falso, enchendo a garganta de um estrondo que os seus muros devolveram indignadamente E o Bolivar, cumplice inconsciente, levou depressa para longe o ultimo dos salteadores do rapido, sem ter que «devar dois».

Mas á medida que o Dodson Tubarão galopava parecia que os bosques se esfumavam e desappareciam; o revolver na mão direita converteu-se no braço curvo de uma cadeira de mogno; a sella estava extremamente estofada, e elle abriu os olhos e viu seus pés, não em estribos, mas pousados alto na ponta de uma secretaria rica.

Estou contando aos senhores que o Dodson, da firma de Dodson & Decker, corretores de Wall Street, abriu os olhos. Peabody, o empregado de confiança, estava de pé a seu lado, hesitando em fallar. Lá em baixo havia um ruido confuso de rodas, e ao pé o sussurro acariciador de uma ventoinha electrica.

«Hum, Peabody», disse o Dodson, piscando os olhos. «Então não adormeci! Tive um sonho muito curioso. O que é que ha?»

«É o sr. Williams, sr. Dodson, de Tracy & Williams, que está alli fóra. Vem liquidar aquillo d'aquellas acções. A alta cahiu-lhe em cima, lembra-se o sr. Dodson?»

«Sim, lembro-me. Como está isso cotado hoje, Peabody?»

«Cento e oitenta e cinco, sr. Dodson.»

«Então é isso que elle paga».

«O sr. Dodson dá licença...», disse Peabody, com uma certa hesitação. «Desculpe-me fallar nisso, mas estive a fallar com o Williams. Elle é um velho amigo seu, e o sr. Dodson pode-se dizer que tem na mão todo este papel. Pensei se o sr..., isto é, pensei que o sr. talvez se não lembrasse que elle lhe vendeu o papel a noventa e oito. Se elle liquida ao preço do mercado, vae-se-lhe tudo quanto tem e ainda por cima, coitado, tem que vender a casa, e a mobilia e tudo, para lhe poder entregar as acções.»

A expressão no rosto do Dodson mudou de repente para uma de ferocidade fria mixta de inexoravel cupidez. A alma do homem mostrou-se de repente como uma cara sinistra á janella de uma casa honrada.

«Cento e oitenta e cinco é que elle paga», disse o Dodson. «O Bolivar não pode levar dois.»